

Artigo recebido em:
13.12.2017

Aprovado em:
13.10.2018

Fernanda Nascimento

Doutoranda no PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Jornalista e mestra em Comunicação Social. Bolsista Capes.

E-mail:fn.imprensa@gmail.com

Jessica Gustafson

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC). Jornalista e mestra em Jornalismo. Bolsista Capes.

E-mail:je.g.costa@gmail.com

Joana Maria Pedro

Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no PPG em História e PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas.

E-mail: joanamaria.pedro@gmail.com

¹Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, no XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Curitiba, 2017.

Estudos em Jornalismo e Mídia
Vol. 15 N° 2
Julho a Dezembro de 2018
ISSNe 1984-6924

“Só eu sei quantas lágrimas derramei”

Uma análise da recepção de pessoas trans sobre a série *Quem sou Eu?*¹

Fernanda Nascimento
Jessica Gustafson
Joana Maria Pedro

Resumo

As identidades trans adquiriram maior visibilidade social nos últimos anos (BENTO, 2011; 2014). Nos produtos midiáticos, essas vivências também começaram a ter mais amplitude e problematizações. Neste artigo, analisamos a recepção das pessoas trans da série *Quem Sou Eu?*, exibida pelo programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, em 2017, cuja temática foi a de identidades trans. Com as premissas teóricas dos estudos culturais e *queer* e utilizando-se da etnografia virtual, buscamos compreender os sentidos produzidos por pessoas trans, a partir de comentários nos vídeos da série, disponibilizados na página de *Facebook* do programa. Em nossa análise, constatamos o engajamento das pessoas trans em desmitificar preconceitos e a celebração da visibilidade, vista como possibilidade de esperança para uma vida com menos discriminações.

Palavras-chave: Comunicação. Estudos de recepção. Etnografia virtual. Identidades trans.

“Only I know how many tears I shed” An analysis of the reception of trans people on the series *Who am I?*

Abstract

Trans identities have gained greater social visibility in recent years. In the media products, these experiences also began to have more amplitude and problematizations. In this paper, we analyze the reception of trans people from the serie *Who Am I?*, screened by *Rede Globo* on the TV show *Fantástico*, in 2017, whose theme was trans identities. With the theoretical premises of cultural and *queer* studies and using virtual ethnography, we seek to understand the senses produced by trans people, from comments in the videos of the series, made available on the page of the program on *Facebook*. In our analysis, we see the commitment of trans people to demystify prejudices and the celebration of visibility, seen as a possibility of hope for a life with less discrimination.

Keywords: Communication. Reception studies. Virtual ethnography. Trans identities.

Recepção: as vozes dos sujeitos

A realização de um estudo de recepção parte dos pressupostos de que os sujeitos, tradicionalmente nominados como audiências, têm identidades formadas por múltiplos marcadores identitários tornando as interações e relações com os produtos midiáticos diversas. Como postula Itania Maria Mota Gomes, “os estudos de comunicação que colocam a tônica na recepção o fazem a partir do reconhecimento do sujeito e da pertinência de uma teoria que parte das concepções deste último, de sua subjetividade para pensar os processos comunicativos” (GOMES, 2004, p. 31).

Há mais de 40 anos, desde a criação do modelo de Codificação/Decodificação de Stuart Hall, em 1974, este campo de estudos tem se amplificado e alterado, mas permanecido como um espaço tradicionalmente alinhado aos estudos culturais, ao qual se filia este artigo. Compreendemos que a recepção não é uma etapa isolada, mas integra um processo de comunicação composto também pela esfera da produção, das mensagens e por uma cultura compartilhada, tanto por produtores quanto pelas audiências (JOHNSON, 2006; MARTÍN-BARBERO, 2003). Ainda que não consigamos abarcar todo o processo comunicacional, algo dificilmente alcançado nas pesquisas do campo (ESCOSTEGUY, 2008), estas premissas embasam o presente estudo e norteiam nossas reflexões sobre o campo da comunicação.

Com este pressuposto, compreendemos que as pessoas trans que integram o presente estudo não se relacionam apenas com esta série estudada, mas articulam seus comentários acessando outras narrativas midiáticas produzidas sobre o tema. Como afirma Richard Johnson (2006), os textos midiáticos são “completos, múltiplos, sobrepostos, coexistentes, justapostos; em uma palavra, ‘intertextuais’” (JOHNSON, 2006, p. 88).

Neste sentido, entendemos que cada sujeito é capaz de processar “as informações do ponto de vista do tesouro cultural que dispõe, acionando o conjunto de práticas, hábitos e saberes ao qual tem acesso, para avaliar, julgar, processar e interpretar os dados” (GOMES, 2004, p. 42). E a escolha por abordar, de forma específica, a recepção das pessoas trans a respeito de um conjunto de narrativas que representam no telejornalismo algumas de suas vivências acontece a partir da percepção da necessidade de ouvir os próprios sujeitos envolvidos neste processo.

Esta opção é incomum em pesquisas de recepção sobre temáticas que versam sobre lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis (LGBTs). A maioria dos pesquisadores que trabalha com o tema tem universalizado as experiências dos interlocutores ou optado por escutar as vozes de pessoas cisgêneras² e/ou heterossexuais a respeito de temáticas LGBTs, são vozes do “Outro”, ou vozes da norma, versando sobre gêneros e/ou sexualidades dissidentes (NASCIMENTO; PEDRO, 2016).

Em nossa escolha, optamos por compreender como estes sujeitos articulam estas narrativas com suas vivências, produzindo novas formas de sociabilidade, interação, pertencimento e construindo suas identidades individuais e coletivas. Como afirma Dafne Patai, “não há vidas sem sentido, e não há histórias de vida sem significado”. “Existem apenas histórias de vida com as quais nós (ainda) não nos preocupamos e cujas revelações (incluindo aquelas de estonteante trivialidade) permanecem-nos, por essa razão, obscuras” (PATAI, 2010, p. 19). Nas palavras de Gomes, a pesquisa empírica qualitativa de audiência

tem se mostrado muito útil como estratégia para a abordagem de outras questões referentes à comunicação, tais como sociabilidade, configurações da política, organização do tempo e do espaço, cultura global e cultura local, relações entre mídia e identidade cultural (GOMES, 2004, p. 47).

²Pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascimento.

Os estudos sobre como estas relações acontecem têm se alterado nos últimos anos, especialmente com a emergência da internet. Local de interação social e produção de identidades, o espaço das redes foi tomado, em muitos momentos, como diferente da vivência cotidiana corporificada, criando uma desvinculação entre o “on” e o “offline”. Entendemos, por outro lado, que as redes também integram os corpos, são espaços de subjetividade, que nos modificaram enquanto indivíduos, além de alterar nossas relações sociais. Dentro e fora das redes, os sujeitos têm seus corpos marcados por gênero, sexualidade, raça, etnia, classe, etc., beneficiando-se de privilégios ou sofrendo sanções em decorrência das desigualdades sociais persistentes em nossa sociedade, sendo necessário refletir sobre suas experiências sempre de maneira interseccional. Conforme Avtar Brah “a questão não é privilegiar o nível macro ou micro de análise, mas como articular discursos e práticas inscreve relações sociais, posições de sujeito e subjetividades” (BRAH, 2006, p. 359).

Como defende Larissa Pelúcio, ao investigar as relações de conjugalidade e usos de mídias digitais, as redes criam a possibilidade de “textualizações de subjetividades”, que alteram e corroboram nossas relações sociais e pessoais contemporaneamente. Tal qual postula Richard Miskolci, as “novas mídias não criam um universo social à parte [...] antes mediam e modificam a forma como vivemos nossa vida *off-line* dentro de um contínuo articulado e interdependente” (MISKOLCI, 2011, p. 16). Ainda que não façamos uma articulação entre as vivências físicas das audiências pesquisadas neste artigo, nos parece importante destacar que seus comentários nas redes sociais estão em consonância com suas vivências dentro e fora das redes sociais, enquanto pessoas trans em uma sociedade marcada pelas desigualdades e discriminações sofridas por esta parcela da população.

A vivência de pessoas trans é marcada pelas interdições sociais. Em estudo sobre a grande repercussão da notícia de uma encenação análoga à crucificação de Jesus Cristo, realizada por uma pessoa trans, durante a edição da Parada Livre de São Paulo de 2015, Luis Augusto Mugnai Vieira Junior demonstra que entre os sentidos produzidos pela audiência estão “principalmente a proibição obsessiva da demanda transexual e a abjeção dos corpos transexuais” (VIEIRA JUNIOR, 2015, p. 9). E destaca que a “transexualidade é combatida na internet”, reforçando o quanto “o preconceito às pessoas transexuais estão presentes na sociedade” (VIEIRA JUNIOR, 2015, p. 9).

Diferentemente de Vieira Junior (2015), que buscou compreender a recepção de forma indistinta da audiência, nos interessa compreender a recepção dos sujeitos representados pela narrativa jornalística. Nos localizamos dentro de um contexto de emergência de pesquisas de recepção no jornalismo. Conforme Nilda Jacks, até o início dos anos 2000, a

pesquisa em jornalismo realizada no país concentrou-se, majoritariamente, na análise das mensagens, praticamente ignorando os usos e consumos, a circulação dos conteúdos jornalísticos no âmbito do cotidiano dos sujeitos a quem se destinam (JACKS, 2014, p. 139).

Se, nos anos 1990, apenas duas das 45 teses e dissertações brasileiras sobre recepção eram do campo do jornalismo, na primeira década do século XXI, foram 54 pesquisas em nível *stricto sensu*, uma ampliação tanto em números absolutos, quanto proporcionalmente (JACKS, 2014). Os dados colocam o gênero como o de maior crescimento dentre as pesquisas de recepção brasileiras.

É neste espaço de discussão proporcionado pelo jornalismo e amplificado pela internet que situamos esta pesquisa de recepção, procurando articular conhecimentos do campo da comunicação, bem como dos estudos de gênero – cujas premissas serão apresentadas a seguir.

Identidades trans: de que vozes falamos

A emergência da problematização a respeito das vivências de identidades trans, no campo das Ciências Humanas e Sociais, é recente na pesquisa acadêmica brasileira e está relacionada ao crescimento e ampliação dos estudos de gênero e sexualidade. “O processo de desnaturalização das identidades de gênero e das práticas sexuais que está em curso realiza-se mediante pesquisas históricas e conjunturais a partir de múltiplos recortes temáticos e de técnicas de pesquisa” (BENTO, 2014, p. 48).

Se, em um primeiro momento, é possível identificar que esta temática integrava de forma marginal os estudos de homossexualidades (muito mais por uma confusão entre os termos e as vivências de gênero e sexualidade fora da norma), com a ampliação das discussões propostas pelos estudos *queer* outras problematizações sobre o tema surgiram (BENTO, 2011).

É neste campo de estudos que os binarismos e essencialismo que colocavam em oposição homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, brancos e negros são colocados em xeque (LOURO, 2001). Assim, as problematizações tornam-se mais abrangentes e passam a pensar nestas relações como relações de poder, presentes tanto nas relações de gênero, quanto nas de sexualidade, raça e etnia, geração, etc. Como exemplifica Berenice Bento, “questões como: O que diferencia o homem da mulher? São recolocadas em outros termos: O que é um homem e uma mulher? Para que serve este lugar de gênero? Só é mulher quem tem um útero?” (BENTO, 2014, p. 49).

No que Bento (2014) classifica como “estudos transviados” – em uma tradução cultural dos estudos *queer*, quando se referem às identidades trans – há um questionamento dos discursos que limitam as existências humanas, transformando corpos que diferem da norma em abjetos. Enquanto as Ciências Humanas e Sociais se voltam de forma recente para o tema, as áreas Médica e Psiquiátrica desde o início do século XX se interessam pela temática das identidades trans, em uma proliferação de discursos e diagnósticos patologizantes, que persistem em colocar as identidades trans no campo das patologias.

Falar de identidades trans é, portanto, falar sobre um campo em permanente disputa política, no qual a emergência de visibilidade recente aumenta a tensão entre os sujeitos e os saberes. Como termo guarda-chuva, as identidades trans podem ser compreendidas como aquelas nas quais os sujeitos não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascimento e, assim, emergem possibilidades como pessoas não-binárias, transgêneros, transexuais, travestis, etc. Compreendemos que existe uma disputa que envolve sempre as identidades e as nomenclaturas, mas que não cabe a este artigo esmiuçar os pormenores das tensões entre as denominações de possíveis existências de diferenças entre pessoas transgêneros e transexuais, por exemplo. Como explica Bento, deve-se questionar a representação das pessoas trans como

um todo homogêneo, universal, monolítico, sem contradições e diferenças internas ou, o que seria o mesmo, que os níveis discursivo e prático devem ter uma correspondência, sem contradições internas, dando a impressão de que só há uma única forma de vivenciar essa experiência. Aquele que consegue se ajustar às definições e aos critérios estabelecidos pelo saber médico para um transexual, por exemplo, seria um “transexual verdadeiro” (BENTO, 2014, p. 56).

Neste sentido, falamos sobre “identidades trans” e “pessoas trans”, deixando que a denominação de cada sujeito estudado seja dada por si própria. Compreendemos ainda que existe uma diferença na reivindicação por pluralidades no âm-

bito acadêmico e na esfera política das identidades, marcada historicamente pelo pensamento binário, que acredita que as pessoas trans são aquelas que desejam se submeter a intervenções cirúrgicas por não concordarem com seu corpo, nas quais as pessoas trans

[...] precisam se submeter a toda uma parafernália do poder médico-psi para obter reconhecimento de suas demandas. Contraditoriamente, ao produzir diagnósticos para expressões e práticas sexuais e de gênero, o poder médico-psi também produziu identidades políticas. Daí, talvez, a dificuldade de se romper definitivamente com o olhar daqueles que lhes deram vida. A aparente descoberta científica de que meus sentimentos de não “congruência” com o gênero imposto têm um nome, sou transexual, gera um lugar no mundo, uma identidade, mas produz um aprisionamento. Venho ao mundo não com uma certidão de nascimento, mas com um atestado médico de transtorno de gênero (BENTO, 2011, p. 84-85).

No bojo desta problematização está a questão da inteligibilidade e da abjeção na tentativa de enquadramento às normas de gênero, apenas são consideradas legítimas as pessoas trans que querem se submeter a procedimentos cirúrgicos, em uma tentativa de “normalizar” estes corpos. “O corolário do resgate do conceito de transexual é a produção de ‘homens e mulheres de verdade’” (BENTO, 2011, p. 14). Essa narrativa perpassa muitos discursos sociais, sendo presente em diversos momentos na série *Quem Sou Eu?*, do *Fantástico*, que apresentaremos a seguir.

Quem sou eu? - Metodologia e análise

A série de reportagens intitulada *Quem Sou Eu?* foi exibida pelo programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, entre os dias 12 de março e 2 de abril de 2017. Em quatro reportagens a repórter Renata Ceribelli apresentou histórias de momentos distintos da vida de diferentes pessoas trans. Nas narrativas são apresentados aspectos da infância, as dificuldades na adolescência, a constituição de relacionamentos, os preconceitos sofridos, o período de transição, além de entrevistas com profissionais, especialmente da área médica e psiquiátrica sobre o tema.

O programa utilizou como recurso para construção da série um paralelo entre a história de *Alice no País das Maravilhas*, da obra de Lewis Carroll, para descrever o processo de transição como “jornada do autoconhecimento”. “Representa todas as pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade” (QUEM SOU EU, 2017). Os episódios foram ao ar próximo ao horário de finalização do programa, por volta de 23h, e disponibilizados nas redes sociais do *Fantástico* e em uma página criada especialmente para este fim.

Na página *Quem Sou Eu?* foi possível encontrar ainda um glossário com palavras como “*GenderQueer*”, “*Agênero*” e “*Transgênero*”, bastidores da produção e, posteriormente, um vídeo com depoimentos de pessoas trans sobre a repercussão da série em suas vidas³. Utilizamos como metodologia a etnografia virtual. Compreendemos que a prática recorre as premissas desenvolvidas pela etnografia “tradicional”, realizada com copresença física, dentre as quais estão o estabelecimento de relações, seleção de informantes, transcrição de textos e, especialmente, a uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989). Christine Hine (2012), em entrevista à Adriana Braga, aponta que um dos principais aspectos que a etnografia pode ensinar à etnografia virtual é a dedicação de “bastante tempo para processo de familiarização, a olhar em torno e explorar o fenômeno sob todos os ângulos, tentando entender o que ele é, para quem existe e como é vivenciado” (BRAGA, 2012, p. 4).

³A série também teve o papel de introduzir a temática trans, que posteriormente seria abordada na trama da telenovela *A Força do Querer*, de Glória Perez, exibida às 21h, pela mesma emissora. O lançamento da telenovela ocorreu no dia 3 de abril de 2017.

Partimos desta familiarização na realização do presente estudo, ao acompanhar, inicialmente, a expectativa em torno da exibição da série *Quem Sou Eu?* em nossas próprias redes sociais e nos veículos de comunicação de grande alcance, bem como aqueles voltados para as discussões de gênero e sexualidade. No dia 13 de março, logo após a exibição do primeiro episódio do programa, depoimentos começaram a ser publicados nas redes e páginas de militância LGBT começaram a repercutir análises sobre o tema.

Dentre as possibilidades de técnicas de pesquisa do campo da etnografia virtual, optamos por realizar uma observação silenciosa nas redes, tanto entre os comentários de militantes reconhecidos, quanto posteriormente na análise da rede social do programa *Fantástico*. Esta escolha é atravessada pela demanda de espaço para desenvolvimento do presente artigo e não ignora os desdobramentos que envolvem também questões éticas referentes ao anonimato, bem como as interpretações obtidas apenas pela observação e descrição – sem a realização de entrevistas com os interlocutores, por exemplo (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013). Neste sentido, optamos por criar um sistema de nominação especial para as instituições e os sujeitos citados, utilizando o princípio onomástico e respeitando a privacidade dos interlocutores.

Neste primeiro contato, com os depoimentos de pessoas ligadas à militância, percebemos especialmente dois movimentos: de alguns a celebração da visibilidade e, por outro lado, críticas sobre a patologização dos corpos. Acompanhando a página da Associação Brasileira de Arranjos Familiares Não-Normativos (ABA-FNM), observamos a divulgação de um relato emocionado, na qual um militante envolvido na produção da série fala da angústia da expectativa e principalmente da visibilidade que o programa dará para as vivências trans e reclama das críticas recebidas antes da exibição da série.

Se temos esta oportunidade ímpar de entrar nas casas das famílias brasileiras (muitas delas as chamadas “famílias tradicionais”) por que então boicotar? Agora é a hora de fazermos aliados, e não inimigos. Se uma emissora do tamanho da rede Globo está do nosso lado, precisamos mais do que nunca aproveitar dessa situação! [...]

Além da história de Melissa, a explicação do psiquiatra Saadeh deixa claro que não se trata de uma “escolha” ou muito menos do que costumam dizer por aí: “é sem-vergonhice”. A transexualidade se dá na formação do embrião. E ponto!

Vibrei mais uma vez. Finalmente a explicação científica chega para desmistificar. (DIÁRIO DE CAMPO⁴, 15/3/2017)

⁴Doravante “DC”.

Opinião completamente diferente foi observada nos depoimentos de outros militantes que emergiam nas redes. Em alguns espaços, o programa era considerado “superficial e irresponsável”. Melissa Manz, psicóloga e transexual reconhecida pela militância social criticou duramente o programa:

Cada vez que um programa de TV, de maneira superficial e irresponsável, divulga que pessoas trans são doentes e que o tratamento é a cirurgia de transgenitalização, aumentam ainda mais as filas, que já são intermináveis, no SUS, de pessoas buscando alívio para as suas “dores transgêneras”. É um absurdo mostrar que transgeneridade é doença e que precisa de tratamento, e que o tratamento consiste em cirurgia. [...] Pessoas transgêneras não precisam de tratamento, mas de direitos. Ser transgênero é normal e é legal. Só precisamos que a sociedade nos devolva os nossos direitos civis, através de leis e políticas públicas que assegurem e reforcem a nossa cidadania (DC, 20/03/2017).

Na semana seguinte, após a exibição do segundo episódio da série, um depoimento ganhou amplitude nas redes sociais: Maria de Franca, uma mulher trans ativista social, descreveu em seu perfil uma repercussão da série no seu cotidiano, ao ir comprar um jantar.

Cheguei, fui pro balcão e a atendente que me acompanhava com os olhos falou “Pois não, senhora?”. Eu ia responder, mas o atendente que estava do lado dela falou “É senhor!”. Antes que eu falasse algo ela virou pra ele e disse “É senhora, seu burro! Não viu o *Fantástico* não?”. Ela olhou pra mim, como quem esperava uma reação, e eu falei: “É senhora mesmo. Travesti e mulher transexual devem ser tratadas sempre no feminino”.

[...]

Talvez se não fosse pelo programa de TV, e o que ela conseguiu tirar dele, os dois teriam me tratado pelo gênero errado (não só ele, que não tinha visto o programa) e agora eu estaria arrasada. Pois ser tratada no gênero certo ou errado é capaz de transformar meu dia, pra melhor ou pior (DC, 17/03/2017).

Fomos nos familiarizando com as repercussões a partir do acompanhamento de pessoas e páginas reconhecidas e, posteriormente, decidimos compreender como a produção de sentidos estava ocorrendo fora deste círculo das páginas de militância. Assim, passamos a acompanhar os comentários dos episódios nas páginas de *Facebook* do *Fantástico*.

Neste processo etnográfico, seguimos as premissas de Geertz, que nos afirma que a descrição etnográfica possui três características. “Ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (GEERTZ, 1989, p. 31).

Entre 23 de março e 13 de abril acompanhamos os comentários de internet na página, nos quatro vídeos postados sobre o tema. E, mesmo sabendo das interdições e preconceitos que envolvem a temática, nos causou surpresa o número pequeno de pessoas trans que acessavam a página para comentar sobre o assunto. A grande maioria de comentários que observamos era de pessoas cisgêneras e/ou heterossexuais falando sobre o tema. Religião e biologia eram alguns dos argumentos utilizados nas discussões, tanto por aqueles que atacavam de forma preconceituosa a exibição do tema pelo programa, quanto por aqueles que defendiam a diversidade.

Fizemos *prints* e analisamos os comentários, produzindo diários sobre os comentários. E, dentre os mais de três mil comentários recebidos na página sobre o programa – até o dia 13 de abril – conseguimos identificar apenas 44 nos quais as pessoas se identificavam como trans⁵. O fluxo de comentários variou em cada episódio. Se no primeiro identificamos 15 comentários de pessoas trans, no segundo foram apenas cinco, já no terceiro 20 e, no quarto, outros quatro comentários. Essa variação se dá em decorrência do perfil dos comentários: enquanto no primeiro episódio vimos uma diversidade de vozes trans, no terceiro há três perfis que participam ativamente das discussões, postando diversos comentários. Ao mesmo tempo, há pessoas trans que comentam em mais de um episódio, trazendo outras temáticas para as discussões. São, portanto, 44 comentários de pessoas trans e 27 perfis de pessoas trans comentando.

Observamos que, diferentemente do perfil militante, que ponderava a respeito da forma como essa visibilidade acontece em programas midiáticos de grande alcance, nas páginas do *Fantástico* há uma celebração desta visibilidade e o enfrentamento a argumentos preconceituosos.

Acompanhando as discussões na página do programa *Fantástico*, percebemos que a maioria dos comentários de pessoas trans visava desmistificar ou rebater

⁵Possivelmente outras pessoas trans possam ter comentado as postagens, mas não poderíamos identificá-las a não ser que falassem de suas experiências tomando como referência a própria identidade de gênero.

posições preconceituosas expressadas por pessoas cisgênero e/ou heterossexuais sobre o tema. A biologia e a religião, utilizadas por muitos para afirmar que há apenas um modo de ser homem e mulher, foram também utilizadas por pessoas trans nestas discussões, problematizando concepções de corpos e, especialmente, das genitálias.

Ao rebater afirmação na qual um interlocutor afirmava que mulheres são apenas aquelas que possuem vagina, a interlocutora Anne Sirley, em um comentário no primeiro episódio: “Você quer dizer que eu não tenho clitóris? Você acha mesmo que eu sou castrada e que a única função da vagina é menstruar e procriar e as mulheres que não menstruam e as que por algum motivo não podem procriar?” (DC, 13/03/2017)⁶.

Ao tencionar as concepções dos corpos, estes comentários desestabilizam as normas que enquadram todos os gêneros. Não apenas corpos de pessoas trans estão submetidos às normas, que delimitam uma linearidade entre sexo-gênero-desejo conforme a cisheteronormatividade, mas todos os corpos passam por esse condicionamento e regulação. A exposição de que as genitálias são apenas um dos componentes do corpo também é explicitada pelas falas.

Nestes comentários em que se rebatem preconceitos há também a luta por desmistificar um discurso conservador no que se refere à demanda por direitos para minorias: a ideia de uma busca por privilégios. Na busca por equidade, não apenas pessoas trans, mas mulheres cis, pessoas negras e homossexuais, por exemplo, são atacadas e acusadas por buscarem “privilégios”, justamente por aqueles que detêm os privilégios dados por uma hierarquia social masculinista, branca e heterossexual persistente em nossa sociedade. Como afirma Bruh Soares Rios, ao comentar o segundo episódio da série, “*não quero ser aceita não quero privilégios eu quero respeito eu sou humano sou cidadã*” (DC, 20/3/2017, grifo nosso) e Jessica Marinho, no terceiro vídeo da série: “*Só queremos respeito, não precisam nos amar, somente nos respeitem que isso já nos faz muito feliz*” (DC, 28/3/2017, grifo nosso). Percebemos que os sujeitos trans rejeitam os discursos de aceitação e buscam cada vez mais um discurso de respeito à liberdade e à diferença.

Um segundo movimento que interpretamos ao analisar os comentários de pessoas trans é a celebração da visibilidade dada pelo programa, aliada ao estabelecimento de relações dos textos do programa com as experiências vividas pelos sujeitos. Nestes comentários, diferente do observado anteriormente, não existe uma busca para rebater preconceitos de terceiros. São comentários deixados pelos usuários na página do programa – e que depois tiveram repercussões de outros usuários, a maioria de incentivo e apoio no enfrentamento ao preconceito cotidiano.

Nestes comentários, há também uma reivindicação por direitos e uma denúncia contra as opressões sofridas – independente da temática abordada pelo programa em questão. Como escreveu Valerya Roberta Souza: “*Gostei. Todos independente de ser trans somos seres humanas mas é bom mostrarem nossa realidade noz existimos e temos os mesmos direitos, direito a estudo a um trabalho digno e ao respeito*” (DC, 20/03/2017, grifo nosso), sobre o segundo episódio.

Os relatos de vivências marcadas pelo sofrimento também integram os comentários. Relações familiares conflituosas, dificuldade de acesso a serviços de saúde ou educação. Temáticas que mobilizam a população trans foram descritas por estes sujeitos, como é possível observar no comentário de Emilly Rhost “*Só eu sei quantas lágrimas derramei, principalmente na época do Colégio, até entender o que eu realmente era e conseguir me assumir dentro de casa e para o mundo*” (DC, 30/03/2017, grifo nosso).

Já Denise Souza e Josi Nascimento, aludem a grande invisibilidade que marcou a vida das pessoas trans e que recentemente começa a se alterar. “*Graças a Deus vamos ter visibilidade com isso espero que os brasileiros entendam como que*

⁶Apresentamos os comentários conforme postados pelos sujeitos, sem adequar sua escrita à norma culta da Língua Portuguesa, como forma de respeito a sua individualidade e subjetividade de cada um. Optamos por não utilizar o advérbio “sic” após as frases, na medida em que ainda que a expressão sinalize a transcrição literal de uma frase ou expressão, a mesma carrega consigo uma sinalização de hierarquia nas maneiras de se expressar.

nos transgêneros passamos e enfrentamos todos os dias amei a reportagem me vi ali em tudo parabéns pela matéria incrível e por dar voz para Nos” (DC, 15/03/2017, grifo nosso) e “Excelente matéria e esclarecedora! Graças a Rede Globo que as pessoas a anos vem sendo informada das diferenças entre pessoas! Feliz por isso. Obrigada por darem visibilidade a todos nós que passamos anos na escuridão!” (DC, 22/03/2017, grifo nosso)

As demandas por realização de cirurgia de redesignação sexual também aparecem nos comentários, especialmente após a exibição do segundo e terceiro programas, nos quais há a apresentação do tema de forma mais ampliada. Monique Moraes relatou suas dificuldades em decorrência da ausência de infraestrutura suficiente: *“Eles não tem estrutura suficiente para adqur todas cirurgias com acúmulo de trans na fila [...] Estou na fila a um bom tempo e é uma agonia você nunca tem um retorno uma notícia boa que vai melhorar e tal” (DC, 26/03/2017, grifo nosso). Caso semelhante é narrado por Andressa Estefany “Mi endedifiquei com ela. Minha historia começa bem assim, sou trans e a nossa vida e bem difícil. Por consideração ao preconceito. E sua atitude com a família foi bem legal . Queria q minha família fosse assim (queria muito tem condição em fazer minha cirurgia)” (DC, 22/03/2017, grifo nosso)*

A esperança de mudança na realidade também aparece nas falas. A sensação de que a exibição da reportagem e de uma ampliação na visibilidade das vivências trans se refletirá na conquista de direitos e na redução de discriminações é uma das tônicas das falas. Este posicionamento nos faz pensar sobre os sentimentos que a mídia ainda desperta nas pessoas. Se por um lado, as críticas contra certas abordagens midiáticas estão constantemente nas redes sociais, o que indica uma tendência de descrença, principalmente no que se refere ao jornalismo, por outro, podemos refletir que ele ainda mantém certo *status* na sociedade referente à possibilidade de intervenção e transformação social. Além disso, o reconhecimento das demandas das pessoas trans pelo programa é percebido como propulsor de visibilidade e legitimidade social.

É possível observar essa expectativa no comentário de Jessica Marinho. *“Chorei demais ver o apoio pai e mae nunca tinha visto isso chorei igual criança agora sim seremos reconhecidas e portas de emprego vão se abrir e isso é simplesmente lindo” (DC, 04/04/2017, grifo nosso).*

Considerações finais

A proposta deste artigo foi de compreender a recepção de pessoas trans a respeito da série televisiva *Quem Sou Eu?*, exibida pelo programa de jornalismo e entretenimento *Fantástico*, na *Rede Globo*, entre março e abril. Ancoradas teoricamente nos estudos culturais e *queer*, realizamos uma etnografia virtual, descrevendo e interpretando os comentários de pessoas identificadas como trans no *Facebook* do programa. Neste sentido, procuramos compreender como os sujeitos ressignificam e produzem sentidos a respeito dos produtos midiáticos (MARTÍN-BARBERO, 2003; JOHNSON, 2006).

Em uma fase exploratória, acompanhamos as postagens de militantes trans e percebemos o receio com a maneira como a temática seria abordada no programa. O temor da patologização dos corpos e da universalização da experiência trans, descrita por Bento (2011; 2014) como uma das tônicas na abordagem sobre estas identidades, é presente nestas postagens, que tem opiniões diversas sobre a visibilidade apresentada pelo programa.

Entretanto, ao realizar a etnografia nas postagens sobre a série, presentes na página de *Facebook* do programa, percebemos que o movimento das pessoas trans que interagiam no espaço eram distintos. Uma das surpresas é de que existem problematizações sobre a maneira como o tema foi abordado. As críticas se dirigiam aos comentários preconceituosos e não à forma como o tema foi tratado – diferentemente dos comentários que percebíamos na militância, que apresentavam, no mínimo, um receio sobre estas representações.

Mais homogêneas, as publicações deste espaço se dividiam entre o embaite contra comentários preconceituosos, com a utilização de termos da biologia e religião para combater o preconceito, a celebração da visibilidade, e a constituição de relações entre as representações do programa e as dificuldades enfrentadas na vida trans, em uma sociedade cisheteronormativa. As representações midiáticas foram percebidas como benéficas e tomadas como esperança para a possibilidade de mudança na vida.

Importante ressaltar que estes posicionamentos reforçam a credibilidade que a mídia, em especial a produzida pela *Rede Globo*, desperta nas pessoas. Ainda com uma ideia romantizada de que uma mudança efetiva acontecerá imediatamente após a representação de suas identidades na mídia, pessoas trans falaram sobre a esperança na conquista de direitos e emprego.

Acreditamos que a mídia é um dos espaços de construção de identidades e que corrobora para mudanças sociais, ao lado de outros agentes. A visibilidade das pessoas trans tem, de fato, se ampliado, mas ainda sobre determinadas formas de regulação (NASCIMENTO, 2015). Compreendemos que este crescimento potencializa a força das pessoas trans para encarar as discriminações e reivindicar os mais diversos direitos.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. “Políticas da diferença: feminismos e transexualidades”. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o quê no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. [p. 79-110].

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? estudos transviados e a despatologização das identidades trans. In: **Florestan**, n. 2, p. 46, 2014.

BRAGA, A. (2012), “Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. **Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília**, 15 (3), Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewfile/856/638>,

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. **Cadernos pagu** (26), janeiro-junho de 2006: p. 329-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acesso em 24 out. 2017.

DAFNE, Patai. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Quando a recepção já não alcança: Por uma revisão no objeto e método. In: **XVII Encontro da Compós**. São Paulo, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

JACKS, Nilda (Org). **Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014, 326p.

JOHNSON, Richard. **O que é afinal, Estudos Culturais?** São Paulo: Editora Autêntica, 2006, 236p.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação**. Florianópolis, Revista Estudos Feministas, vol. 9, n2, p. 541-553, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MISKOLCI, Richard. (2011) **Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais**. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/2014/02/novasconexoes-notas-teorico-metodologicas-para-pesquisas-sobre-o-uso-de-midias-digitais-richard-miskolci/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

NASCIMENTO, Fernanda; PEDRO, Maria Joana. Leituras do Outro: Panorama dos Estudos de Recepção sobre LGBTs em Telenovelas. In: **III Jorper - Jornada Acadêmica de Pesquisadores da Recepção**, 2016, São Leopoldo. Anais da III Jornada Gaúcha de Pesquisadores da Recepção. São Leopoldo: Unisinos, 2016. p. 326-339.

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) má – LGBTs em telenovelas**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

PELÚCIO, Larissa; CERVI, Mariana. **Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugalidades contemporâneas e usos de mídias digitais**. Gênero na Amazônia, Belém, n. 3, jan./jun., 2013.

QUEM SOU EU. G1.Globo: Fantástico. Página inicial. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/quem-sou-eu/>. Acesso: 15 de mar. 2017.

VIEIRA, L. Augusto Mugnai JR. Nas malhas das redes da internet: a proibição do direito de existir das pessoas transexuais. In: **I Seminário Internacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais UNESP campus de Marília** 22 a 24 de setembro de 2015.